Jornal defensor dos interêsses de Guimarães e o de maior tiragem e expansão no concelho

Notícias de Guimarães

Ano 16.º — N.º 805
GUIMARÃES, 6 de Junho de 1947
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A.
Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

OS DISTRITOS NORTENHOS

Rendimentos prediais colectáveis

Estudada a constituição da propriedade nortenha, em função da população respectiva e dos seus possuidores, assim como o número de prédios urbanos e rústicos que estão totalmente isentos de contribuição, com a determinação das percentagens correspondentes, ainda em comparação com outros distritos do país, vejamos agora o número de contribuintes com rendimento colectável inferior a 15$00, abrangendo as propriedades rústicas e urbanas. Há em todo o país, como já dissemos, 2.162 835 contribuintes de ambas as classes de propriedade, não descriminando a estatística o número de prédios rústicos e urbanos que cabe a cada um daqueles, com o rendimento colectável calculado para cada averbamento e a contribuição respectiva, como seria interessante, para se conhecer como está distribuida a propriedade imobiliária em Portugal. Naquele total, há 380.775 colectas inferiores a 15$00, o que corresponde a 17,9 %. Nos cinco distritos nortenhos, apura-se o seguinte:

	Número total de contribuintes	Colectas inferiores a 15$00	Percentagem destas
Braga	107.515	13.507	12,5
Bragança	98.802	26.292	26,6
Porto	126.746	9.111	7,2
Viana	106.940	25.158	23,7
Vila Real	111.060	25.275	22,7
Somas	551.063	99.343	
Distritos de comparação:			
Lisboa	117.591	2.974	2,5
Evora	30.421	427	1,4
Beja	58.004	1.861	3,2
Nos de transição:			
Castelo Branco	106.799	15.893	14,7
Vizeu	198.328	67.991	34,3

Mostra-nos este quadro que, ocupando os cinco distritos nortenhos apenas vinte por cento da superfície do Portugal metropolitano, há neles 25,5 % de todos os contribuintes de prédios rústicos e urbanos, o que, aliás, já em anterior artigo havíamos apurado, tudo isto comprovando a pequeníssima propriedade que por ali predomina. Mas ainda tais cifras nos evidenciam, como não podia deixar de ser, que, enquanto a média geral no país dos contribuintes com um rendimento colectável inferior a 15$00 é dos já mencionados 17,9 %, nos distritos em questão aparecem-nos 30 %, o que mais salienta não só a pequenez mas também a pobreza de tal propriedade. Ainda, por um singular capricho de carecida investigação, que aqui não pode ser feita, o distrito de Viana, apresenta média mais alta do que o de Braga, em nenhum deles predominando a serrania que caracteriza os de Bragança e de Vila Real, a justificar nestes a elevada taxa de 26,6 no primeiro, e de 22,7 no segundo. A baixa taxa de 7,2 do Porto, deve ter a sua explicação no facto de a cidade, com sua riqueza urbana, tal como em seus subúrbios, influenciar poderosamente o resto do distrito, onde, aliás, esta muito valoriza a propriedade rústica.

Semelhantes condições militam em favor do distrito de Lisboa, para tão pequena taxa, pois que a capital ostenta milhares de soberbos prédios urbanos, de justificado e alto rendimento colectável, além da grande riqueza rústica de quase todo o território que o constitue. Nos de Evora e de Beja, o primeiro com a taxa mais baixa de todo o país, e o segundo pouco acima do de Lisboa, predomina, como se sabe, a grande propriedade, que já vai deixando de ser o extenso baldio, embora largamente manchado da rica floresta do sobreiro, e onde uma das causas de tal melhoria, consiste no mais denso povoamento que por ali se vai fazendo, obrigando o homem, desde que tão vastas regiões vão também deixando de ser pouco produtivos desertos, a entregar-se às lides agrárias, entremeando a cultura cerealifera com outras talvez menos rendosas, mas por igual necessárias à grei.

Nos distritos de transição, e neste capítulo, só como tal nos aparece o de Castelo Branco, onde os massiços da Gardunha e de grande parte da Estrela desvalorizam a agricultura, mas vão enriquecendo a floresta. O de Vizeu, embora também algo acidentado, aparece-nos com a taxa alta de 34,3, a mais elevada de todos aqueles acima referidos, não sendo fácil determinar aqui as causas daquilo que se me afigura uma anomalia, mas que talvez o não seja.

Vejamos agora os montantes totais colectáveis, também com as referências e comparações que venho alinhando. Em todo o país, o global de 2.167.835 contos em que incidiu a contribuição predial, desdobra-se em 1.150.659 contos para a propriedade urbana, e 1.017.176 para a rústica, o que corresponde a 53 % para a primeira e os restantes 47 % para a segunda.

O número global de prédios totalmente isentos de contribuição é indicado na referida estatística das Contribuições e Impostos, do ano de 1945, no montante de 62.001, sendo 19.922 urbanos e 42.079 rústicos, o que equivale a 32,1 % para os primeiros e os restantes 67,9 para os segundos, denotando a menor valia atribuida às propriedades rústicas, comparadas com as urbanas, mas para o efeito apenas de isenções, visto que na propriedade não isenta as maiores valias que foram apuradas na urbana.

Quanto aos rendimentos colectáveis inferiores a 15$00, também no conjunto do país, para os já referidos 380.775 contribuintes, foram avaliados 3.277 contos, sendo 608 da propriedade urbana e 2.669 da rústica, incidindo nesta, portanto, 81,5 %, ou a quase totalidade das pequeníssimas valias, mais ainda que na propriedade totalmente isenta.

Veremos, seguidamente, a posição relativa dos distritos nortenhos, também com os outros que nos vêm servindo de referência.

DOMINGOS DA CRUZ.

Ordem de S. Domingos

Os Irmãos de S. Domingos reuniram-se no domingo, em número elevado, para apreciarem e aprovarem as alterações que uma Comissão há tempos nomeada introduziu nos Estatutos daquela Casa.

Veio presidir propositadamente em representação do Prelado o Vigário Geral da Diocese, que teve para os irmãos presentes palavras de muito apreço e os pôs inteiramente à vontade para discutirem e aprovarem os referidos Estatutos.

Decorreu com a maior ordem e respeito aquela Assembleia, tendo usado da palavra alguns dos Irmãos presentes.

Feira do S. João

De Guimarães deslocaram-se a Braga no domingo a Câmara Municipal e numerosas pessoas que foram tomar parte no festival que a sede do Distrito dedicou ao nosso concelho no recinto da Feira de S. João, onde, durante a noite, enquanto que a gente de ambas as terras confraternizava, ecoaram os acordes do nosso *Hino da Cidade*, sendo proferidas afirmações que tendem a estreitar mais e mais os laços de amizade de ambas as terras.

Lêde e assinai o "Notícias de Guimarães"

Anseio dum louco

Eu quero-te domar, velho oceano,
Hei-de lutar contigo em guerra acesa...
Quero quebrar-te as garras de tirano,
Fechar-te a boca hiante de fereza...

Eu quero desvendar o fundo arcano
Que tens no coração de vil crueza...
Esse mistério rude, atroz, insano,
Que não tem maior a natureza...

Ó mar dos furacões, mar assassino:
Tu tens os uivos roucos de Ugolino
Nesse inferno revolto e sem parança...

Eu hei-de-te vencer, Sansão cruel,
Fazer da tua água um doce mel,
Do teu corpo disforme uma criança...

Maio de 1947.

DELFIM DE GUIMARÃES.

CONTRASTES!...

O edifício do Mercado

No primoroso artigo que o Sr. Abel Cardoso escreveu no último número do «Notícias», sobre o falecido Arquitecto Marques da Silva, aquele ilustre e dedicado Vimaranense — que sempre tem pugnado pelo progresso da sua terra e sempre tem procurado engrandecer o nome da mesma, quer através dos seus méritos pessoais e profissionais, quer através de qualquer outro meio que lhe sirva de pretexto para o mesmo fim — refere-se, no citado artigo, ao edifício do Mercado da cidade de Guimarães, «lamentando que o Conselho Municipal ainda não tivesse incluido no seu plano de obras a realizar, a conclusão desse edifício». Como se trata de um assunto sobre o qual podemos fornecer alguns esclarecimentos, diremos o seguinte:

Não é da competência do Conselho Municipal a organização do plano em referência, visto que essas atribuições pertencem à Câmara Municipal, a qual, no seu Relatório referente à gerência do ano findo, diz o seguinte:

«.....
Mas, o edifício do Mercado está por concluir; o seu projecto, já remodelado, segundo os moldes sugeridos pela Câmara, está comparticipado para o ano corrente (1947); espera-se para breve o início das suas obras: Ficará com estabelecimentos comerciais de um e de outro lado do edifício, confinante com a Avenida Conde de Margaride e a Travessa da rua de D. João I. E' uma obra de conclusão, que se impunha há muito».

De facto, no plano das actividades Municipais para o ano corrente, encontra-se a confirmação do que acabamos de transcrever do Relatório da Gerência Municipal de 1946, acerca da conclusão do Mercado. E embora até hoje — meio ano decorrido da actual Gerência do Município — nada nos conste a respeito do início dessas obras, verifica-se, apesar disso, que tudo nos leva a crer que a conclusão desse importante e indispensável melhoramento não passará a fazer parte das chamadas obras de Santa Engrácia. E', evidentemente, uma obra cuja conclusão se impõe, não obstante já não poder ser concluida sob a sábia direcção do saudoso Autor do seu projecto. E dito isto, com a única intenção de irmos ao encontro do nosso querido Amigo, Sr. Abel Cardoso, pessoa a quem tributamos muita estima e muita veneração, fazemos os melhores votos para que o edifício do Mercado fique concluido tão breve quanto possivel.

Associação Artística

Não nos tem passado despercebida a crescente prosperidade da Associação Artística Vimaranense, Instituição mutualista, cuja esfera de acção assistencial e cultural se vem alargando de ano para ano, de molde a proporcionar aos seus Associados certos benefícios e prazeres que não tinham em outros tempos. Por outro lado, a ordem e a disciplina foram restabelecidas, evitando-se, assim, que a desordem e a anarquia transformassem essa simpática colectividade, como sucedeu durante alguns anos, numa agremiação que nada ou quase nada produzia de útil e ainda com a agravante de não haver a devida consideração ou o devido respeito pelas pessoas de bem, que, sem interesse e sem vaidade, apenas procuravam concorrer para o seu progresso. Evidentemente, que essa situação foi temporária e, como a seguir à tempestade vem a bonança, tudo se modificou no decorrer dos últimos anos, graças ao critério e ao bom senso das pessoas às quais tem sido confiada a sua administração, entre as quais o actual Presidente da Direcção, Sr. Luís Filipe Coelho, que tem sido um elemento valioso, dedicado e incansável no desempenho das suas funções. E se nos perguntarem o motivo destas muito breves considerações, nós responderemos que elas vêm a propósito do recente sarau de apresentação da sua Tuna-Orquestra, sob a regência do Sr. José da Costa Pacheco, outro amigo dedicado da referida Associação.

E' assim, com dedicações de semelhante natureza, que a Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense poderá corresponder ao fim que determinou a sua fundação. Quanto à Tuna, apraz-nos registar o facto de ela constituir uma iniciativa de carácter cultural e artístico, que muito honra os seus promotores e a própria colectividade. Oxalá, pois, que essa iniciativa perdure e que todos saibam compreender e apreciar o seu objectivo, quer Artístico, quer espiritual. Assim o desejamos.

Factos são factos...

Temo-nos referido, por diversas vezes, à forma como é feito o policiamento da cidade, que, por falta de pessoal, segundo nos dizem, continua a ser muito deficiente. Ocorrem factos no próprio coração da cidade, que, sem dúvida, não ocorreriam se o número de guardas para cada giro de fiscalização fosse o que deveria ser. Ora, como assim não acontece, são frequentes, sobretudo de noite, certos casos que um policiamento com o número suficiente de guardas poderia evitar. Desacatos, cenas de facadas, montras de estabelecimentos comerciais partidas, etc., etc., são os factos dominantes de algumas noites, o que de modo algum poderá deixar de ser tomado em consideração, tanto mais que esta cidade não pode estar à mercê dos provocadores desses actos, a maior parte dos quais deve ser de outras terras, como por vezes já se tem constatado.

X.

Trajo dos figurantes da "festada„ aldeã

Está errada a actual indumentária dos componentes da «festada» de Guimarães?

Não. Apenas importa dar-lhe, a meu ver, feição mais alegre, dentro do *canon* tradicional — para melhor êxito da sua exibição e aprazimento dos nossos olhos.

Qual haja sido a evolução do trajo campestre, difícil é fixar-lhe a trajectória histórica. Mas a sua linha evolutiva é um facto. E penso: Quanto mais afastado está um povoado da vida citadina, mais o seu figurino, na moda e gosto de vestir, se mantém nos moldes antigos. A aproximação dos centros, onde tudo quer vestir à moda, traz consigo a *macaqueação*, pela tendência daquele sentido igualitário em copiar a novidade, com mais ou menos observância e vigor de figurino.

Se quiséssemos um simile comprovativo desta afirmação, tinhamos de o ir procurar em uma palavra mágica que diz — Progresso. Em obediência a ele, tudo se uniformiza. Dentro da progressão económica, tudo se *estandardiza*.

A cada contacto da aldeia com a cidade, perde a população rural a originalidade e gosto do seu modo de vestir. A tal ponto vai esta tendência de absorção pela imitação, que o rural chega a envergonhar-se do seu guarda-roupa tradicional. O modilhar inoculou-se no sangue. E não volta atrás!

Leio na obra de Alberto Sampaio, focando as últimas centúrias do trajar minhoto:

«Como no tempo de Strabo, os homens vestem-se em geral de escuro, e as mulheres de cores variegadas; apenas na Maia domina a cor preta nas saias; nos outros cantões preferem-se as cores garridas, intermeadas nas diferentes peças do vestuário».

Antes da aquisição dos tecidos estranhos, vestiu-se a nossa população rural com os tecidos da sua fabricação caseira. As beatilhas, as serguilhas, as tenilhas, eram produtos textis dos nossos teares caseiros. O linho, a estopa, o tumento, simples, ou entermeado com lã, davam tipos de panos para as roupas das lavradeiras e lavradores da nossa terra. Embora menos providos de lãs que as regiões serranas, embora de fora nos viesse o grosso dos tecidos de inverno, nem por isso deixámos de tecer estamanhas e saragoças. Com estes panos múltiplos se confeccionava o vestido, a roupa, para uso no verão e no inverno. Igualmente se distinguiam os trajos do trabalho e o domingueiro — *de ver a Deus e à Joana.*

Nesta referenciação se podem fixar tipos de guarda-roupa, nos dois sexos.

Quando se julgue que a lavradeira sempre usou seu colete enramilhado e de rabichos, talhado em linho, engana-se. Um documento iconográfico de 1830, mostra-nos que esse colete já foi de lã.

Quando se julgue que o lavrador sempre usou jaqueta de alamares, afitada, talhada em fazenda de lanifícios, lisa ou carapinhada, engana-se. Um inquérito sobre usos e costumes do nosso povo rural, feito há pouco mais de cem anos, esclarece-nos que certa casaca foi usada, com botões de metal luzente e gola alta, de pas-

REALIZA-SE HOJE a Romaria de S. Torcato

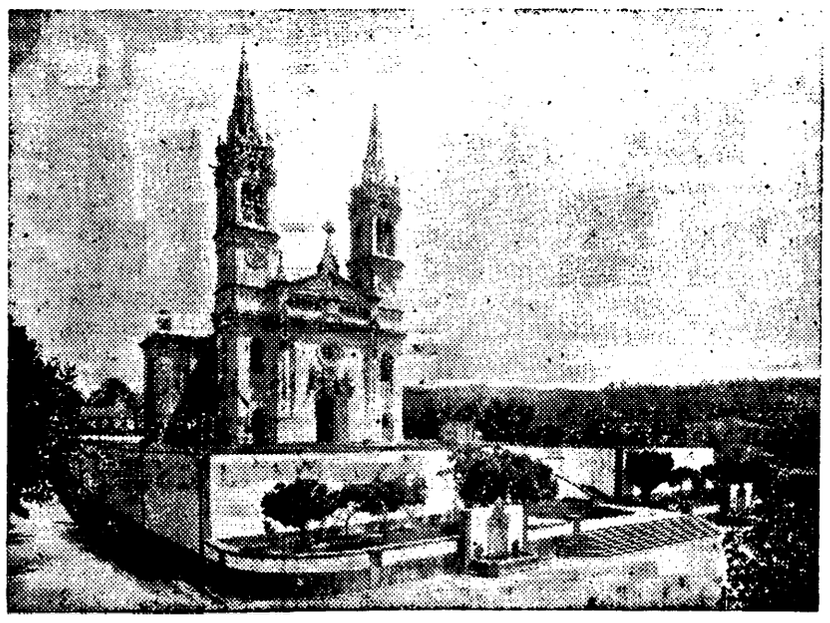
Está a decorrer a Romaria de S. Torcato, que foi em tempos já um pouco afastados de nós, incontestàvelmente das maiores Romarias de Portugal.

Esta Romaria, que promete ser, como nos demais anos, muito concorrida, iniciou-se ontem com diversos actos religiosos e tem hoje o seu dia grande, com um programa que é, em resumo, o seguinte:

Missa para os Romeiros.

Alvorada festiva.

Missa solene a grande instrumental, com sermão.



De tarde, majestosa Procissão com Carros Alegóricos e, à noite, arraial com iluminações, fogo e música, etc.

TROCADILHOS

(NUM ALBUM)

Bendita sejas, formosa,
meu lindo sonho de Amor...
Não sei se és flor porque és Rosa,
ou se Rosa porque és flor!?...

Só rosas, no seu caminho,
possa encontrar venturosa;
e nunca sinta um espinho...
Quem, sem espinhos, é Rosa!

Elisio de Vasconcelos.

O nosso inquérito

sobre a reprodução da Estátua de D. Afonso Henriques

Que nos conste *ninguém* até agora ousou refutar quaisquer das afirmações feitas por nós ou pelas pessoas que nestas colunas deixaram expresso o seu pensamento acerca da infelicíssima ideia de *copiar* a *nossa e muito nossa* Estátua de D. Afonso Henriques. Isso é já prova mais que suficiente para confirmar que estamos dentro da razão.

Agora e uma vez que as chamadas forças vivas da cidade parecem estar adormecidas sem darem pelo eco do nosso bradar constante em prol do bom nome da Terra, queremos gritar ainda mais alto, no intuito de despertar essas forças:

— O que fazeis vós?

— Achais bem que se leve por diante o projecto de uma nova Estátua do Rei Fundador, precisamente igual à **NOSSA**, cópia autêntica daquela que a Cidade de Guimarães mandou fazer e pagou ao Mestre Estatuário Soares dos Reis?

Cremos bem ter cumprido já o nosso dever. Apesar disso não desanimaremos, mas esperamos também que venham para a luta, para nosso lado, para lutar pelo bom nome e prestígio de Guimarães, aquelas pessoas que, pelos lugares que ocupam, têm obrigação de marcar uma atitude, prestigiando-se e prestigiando, ao mesmo tempo, os organismos que servem.

Esperamos, pois!

---

so que a calça branca e casaco de linho, e seus derivados, estavam então no uso tradicional.

O próprio calção, hoje de todo abandonado, foi o tipo mais clássico do trajo camponês, para além da última centúria.

Folheando os livros costaneiras, os borrões de duas casas centenárias de mercadores vimaranenses, neles lobrigo lançamentos que me dão um inventário variadíssimo em fazendas. As baetas, os baetões, as baetilhas, por tantos modos baptizados, dão-nos, para o estudo do trajo, a certeza de que as saias das lavradeiras eram sòmente pretas, mas de variegadas cores e desenhos. E esta variedade, em coloração e desenhos, mais se fez com a entrada desse tecido leve e bizarro, ainda hoje triunfante — a chita.

Para que havemos, pois, de fixar a cor preta como padrão da saia da lavradeira, se podemos, *dentro das fontes originárias do trajo*, tirar na gama das cores outros efeitos, mais de agrado à vista, mormente quando exibidos em grupo?

Temos elementos no velho guarda-roupa da nossa população rural que nos ajudem a fixar um padrão modelo para os componentes da «festada», sem necessidade de fantasiar, que, neste caso, seria — deturpar.

Mas vamos a passo.

O assunto, por não ser banal, por bem merecer de todos um pouco de atenção, talvez me leve a escrever um terceiro artigo — embora sem a certeza de ser lido por meia dúzia de *fieis devotos*.

Porto.

A. L. de Carvalho.

Festas da Cidade

Já se encontra completamente elaborado o programa geral das Festas da Cidade, que este ano se compõe de números novos, muitos deles sensacionais e verdadeiramente inéditos.

As decorações e iluminações foram confiadas aos exímios ornamentistas Bernardo Barreira, desta cidade, e constantino Lira, de Felgueiras.

Dos fogos de artifício foram incumbidos os pirotécnicos de Lanhelas, Ponte da Barca e Viana do Castelo.

A Comissão das Festas já contratou 10 Bandas de Música das melhores do Norte do País para abrilhantarem as festas nos seus quatro dias — 2, 3, 4 e 5 de Agosto próximo.

A limpeza dos prédios

Existem nesta cidade numerosos prédios que necessitam ser reparados quanto antes.

Ali em S. Francisco, por exemplo, em frente ao Jardim Público, há uma casa onde está instalado um armazém de tecidos e que ameaça ruína.

Porque está situado em ponto central da cidade e porque é mau o seu estado, de esperar é que o seu proprietário proceda sem demora à necessária reparação.

Oxalá que sim.

Carro-Cadeira para bébé

Vende-se em bom estado.
Falar no L. 28 de Maio, 83.

No meu Cantinho

Quando no sábado 21 a minha faca velhinha teve o alto prazer de abrir o formosíssimo volume *Correspondência Epistolar entre* **Emílio Hübner e Martins Sarmento**, coligida e anotada por Mário Cardoso, pareceu-me que até a faquinha sorria ao ver tantas e tão variadas e tão belas ilustrações e ao cortar um papel tão macio como raro havia encontrado.

Dos volumes editados desde 1933, foi este o que mais maravilhou os meus olhos cansadotes.

Mário Cardoso, anotando carinhosamente as interessantíssimas cartas, deve ter ficado satisfeito ao conseguir um trabalho tão completo.

Bem feliz a *Sociedade* com tão digno Presidente!

* * *

No domingo, 29.

Acabo de ler, enlevado e radiante, o fundo do *Diário do Minho*.

Como é que Magalhães Costa estudou tão bela e prontamente o trabalho de Mário Cardoso?!

Chega a ser um ensaio esse fundo! O Alberto ficou encantado!

* * *

Quando em 9 de Junho apreciei atentamente a crítica aos sonetos de Fernando de Castro no mesmo *Diário*, fiquei triste e aborrecido.

Procurei ensejo de ler o livrinho *Meu Deus! Meu Deus!*

A crítica estava mais certa do que me parecera.

Mas o Crítico terminava assim: —

«Fernando de Castro nem sempre conseguiu furtar-se à prosa em verso e isto, a par com a grande facilidade de escrever e a pujança de estilo, são perigosos para futuro.»

Esta notinha do fim, criticando um livro póstumo, é mesmo de estarrecer!

O Elísio não concorda?

* * *

Vou confessar o meu pecado.

Alguns encontros com Fernando de Castro na lojita *Petisqueira* despertaram-me acentuada simpatia.

O fundo do *Diário de Notícias* de 21-VII-42 sobre **A Casa-Museu** do «poeta, decorador e caricaturista, o infatigável animador desse escrínio maravilhoso» fez crescer muito aquela simpatia.

Por isso me feriu a pancada no Morto.

(Se pancada lhe posso chamar).

* * *

Chave de chumbo pra fecho: as *Novidades* de 27 publicam um apelo de Nuno de Montemor com a epígrafe de MÁS NOVAS DO GEREZ.

Nas *Novidades* é de admirar o *z* no Gerês.

No Gerês é de estranhar o que o Nuno aguentou.

G.

ENGENHEIRO JOSÉ DE MATOS CARDOSO

Concluíu o seu curso de engenharia civil, com honrosa classificação, o nosso prezado conterrâneo e amigo Sr. José de Matos Cardoso, a quem, por tal motivo, felicitamos.

Últimos modelos
na
Sapataria Escol
de
Abel d'Oliveira Basto
Rua do Gravador Molarinho, 28
(Especialidade em medidas e consertos)

NA ASSOC. ARTÍSTICA VIMARANENSE

A apresentação da Tuna e o seu primeiro concerto

Como havíamos anunciado, na véspera de S. Pedro e na passada 2.ª feira, na sede da Associação Artística Vimaranense, teve lugar o sarau de apresentação da sua TUNA ARTÍSTICA e o seu 1.º concerto musical, com grande afluência de convidados, sócios e público.

O sarau de apresentação, iniciado pelas 22 horas e um quarto, marcou pela distinção e solenidade do acto e, também, pela notável lição com que o distinto Professor, Sr. Fernando Lamares Magro, do Liceu Rodrigues de Freitas e da Escola do Magistério Primário, da cidade do Porto, deleitou e encantou a assistência.

Este, depois de justificar a razão da sua presença e dizer do entusiasmo que o convite endereçado lhe despertara, fez referência ao valor da música sobre a educação — como rumo certo do *belo*, do *ideal* e do *sublime* —, e focou com requintada maestria o alto nível das civilizações que, pela arte e pela ciência, souberam impor o seu valor espiritual. E a concretizar o seu pensamento, disse: — «Os artistas são o produto da própria civilização latente, o resultado duma escola de civilização que vai subindo de degrau em degrau, o expoente máximo do pensamento e da emoção, num ideal perpétuo e sublime de beleza. Fruto dum sentir comum numa vida breve! Luz que brilha mais forte entre a claridade *ofuscante do espírito humano*! Flor que resplandece ao sol, no relvado dum jardim mimoso, florido e vicioso!» A seguir, e depois de haver defenido em preciso conceito a Música, afirmou: — «Que valor não tem, pois, para uma nação o nível artístico do seu povo, a sua faculdade de apreciar e sentir as obras indicativas dum elevado grau de civilização a que esse mesmo povo se quere elevar!? Porque o artista não descende, como em tempos se julgava, por hereditariedade. Não é mais artista o filho dum artista pelo simples facto hereditário, mas, sim, pelo meio ambiente em que viveu, em que foi educado, por se lhe ter ensinado a sentir e a viver espiritualmente e por ele ter vivido automàticamente essa vida afectiva e espiritual». Referiu-se, ainda, às origens da Música, desde os tempos mais remotos, e, com característica leveza, falou da sua fase embrionária e dos impulsos psíquicos que determinaram o seu reconhecido progresso. Historiou, com valiosas citações de Wàllacheck e Devazanti, as tendências rítmicas do homem e o poder emotivo que a Música sobre ele exerceu, como não esqueceu o pensamento de Schopenhauer ao considerar a Música como a mais alta filosofia escrita numa linguagem que a razão não compreende. E, finalmente, dissertando acerca da sua evolução, através as várias idades; mostrando da sua poderosa influência como meio de cultura; e relacionando a sua divulgação nos diferentes países; terminou por apreciar o panorama musical português, incensando o bairrismo vimaranense que tornou possível a criação do seu novo conjunto artístico que, certamente, procurará honrar a única linguagem universal que não conhece fronteiras: — *a linguagem dos sons*!

Tendo sido muito aplaudido, o orador foi cumprimentado pelo Presidente da Assembleia Geral da colectividade e Regente da Tuna, Sr. José da Costa Pacheco, procedendo-se, nesse momento, à troca de distintivos representativos do novo agrupamento musical.

Imediatamente depois, teve início a execução do programa anunciado, que deixou muito boa impressão em todos quantos o apreciaram, já pela harmonia do conjunto, já pela leveza das composições apresentadas. Os trechos do saudoso Ribeiro Dantas e do Sr. Arnaldo Vale, e bem assim o «Intermezzo da Cavalaria Rusticana», mereceram calorosas ovações da parte da assistência, que saiu satisfeita e encantada.

No começo da 2.ª Parte, a menina Maria de La Salette Xavier de Carvalho e o seu interessante irmãozinho, Augusto, filhos do Sr. João Xavier de Carvalho, subiram ao estrado e ofereceram ao Regente, Sr. Pacheco, um lindo ramo de flores e uma mensagem — qu deu origem a novos aplausos.

*

O 1.º concerto musical, realizado na pretérita 2.ª feira, despertou interesse igual ao do primeiro dia.

Teve, porém, a abrilhantá-lo a homenagem prestada a dois sócios beneméritos da Associação, os Rev.º João Pedro Peixoto de Bourbon Lindoso e António Pereira de Almeida, cujas fotografias foram apostas na galeria de Honra da velha colectividade mutualista.

Proferiu algumas palavras, alusivas ao acto, o incansável Presidente da Direcção e nosso prezado amigo Sr. Luís Filipe Coelho, que fez o elogio dos homenageados e convidou a gentil menina, Maria de La Salette Xavier de Carvalho, a proceder ao descerramento.

A assistência, de pé, ovacionou demoradamente o preito de reconhecimento prestado pela Direcção.

A Tuna prosseguiu o seu concerto, que inseria no programa mais dois números da autoria do Sr. Arnaldo Vale.

Melhor execução do que a verificada no primeiro dia e o público não se cansou de prestar sincera homenagem aos componentes da «Tuna Artística», que, nesta noite, se revelaram verdadeiros cultores da divina arte de Mozart e dignos representantes duma colectividade que bem honra a nossa Terra pelo que vem realizando em prol da cultura dos seus associados e do público em geral.

Mais uma vez se nos incumbe o dever de felicitar a digna Direcção da «Artística» e, muito especialmente, o seu conceituado Presidente, pela alevantada orientação que vem imprimindo às directrizes administrativas e pelo franco progresso que, em 2 anos e meio de gerência, soube emprestar-lhe.

FUTEBOL

Sob calor tropical, o Vitória empatou com o Elvas por 3-3

Num fim de tarde abrazador, como fosse o da última quarta-feira, o Vitória não conseguiu ir além dum empate — o oitavo que obteve na presente prova — no seu jogo com o Sport Lisboa e Elvas.

Jogando a primeira parte com o sol pela frente, que então dardejava intensamente sobre o seu meio campo, os vimaranenses, aliás sem sombra daquele forte querer que oito dias antes patentearam perante o Sportig C. de Portugal, demonstraram desde o início poucas possibilidades de triunfo sobre um adversário valoroso e aguerrido, que na primeira parte se defendeu com muito acerto e na segunda se esforçou generosamente por conseguir, como conseguiu e com muito mérito, resultado que lhe assegurasse, como é de inteira justiça, a sua permanência na Primeira Divisão, ainda que o Famalicão surpreendesse, na mesma tarde, o Belenenses.

O encontro, por isso, não teve emoção que merecesse o sacrifício das pessoas que se deslocaram à «Amorosa», principalmente por parte do Vitória, onde vários elementos deram muito má conta de si. Só três ou quatro cumpriram, mas não passaram disso.

Leve-se-lhes porém em conta que sob tal calor não se pode, nem se devia jogar. A propósito, gostaríamos de ver sujeitas ao sacrifício dos jogadores, durante aquela abrazante hora e meia, algumas pessoas que, paradas e à sombra, se não cansaram de os maldizer e até injuriar.

Sob a arbitragem de J. Fernandes Gonçalves, do Porto, cujo trabalho também não se isentou dos efeitos do calor, os grupos formaram:

Vitória — Machado, Ferreira, João, José Maria, Curado, Teixeira, Alexandre, Rebelo, Tarugo, Alcino e Franklim.

Elvas — Semedo, Henrique, Neves, Oliveira, Rebelo, Martins, Morais, Massano, Aleixo, Proença e Rosário.

A primeira parte acabou com os locais em vencedores por 2-1, sendo os visitantes os primeiros a marcar, por intermédio do extremo-esquerdo Rosário, aos 18 minutos, em jogada precedida de nítida deslocação, que o árbitro deixou passar, apesar do claro sinal do juiz de linha. Aos 35 minutos, Rebelo, de cabeça, a entrega de Teixeira, estabeleceu o empate, e dois minutos depois Alcino marcou o segundo tento, de grande penalidade, por mão do defesa Neves na grande área.

Na segunda parte os elvenses marcaram aos 4 minutos por Morais e aos 30 por Proença, tendo Franklim apontado o terceiro tento do Vitória aos 23 minutos.

O empate aceita-se, mas os visitantes, perante a exibição dos donos do terreno, mereciam o triunfo.

J. G. F.

Ainda a Homenagem a dois Beneméritos

No breve relato que fizemos em nosso último número da homenagem prestada na Santa Casa da Misericórdia aos beneméritos Sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães e Esposa, deixamos de mencionar, na relação das pessoas que estiveram presentes, o nome do vice-provedor da Misericórdia e nosso bom amigo Sr. Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves.

Igualmente e por um simples lapso deixamos de dizer que os retratos inaugurados para perpetuar a memória dos referidos beneméritos, foram feitos pelo distinto Pintor de Arte e nosso querido Amigo e Conterrâneo, Professor Abel Cardoso, que uma vez mais pôs à prova as suas raras qualidades artísticas.

Que estes involuntários lapsos nos sejam desculpados.

Dr. Alberto de Faria

Foi nomeado médico do Estabelecimento Termal das Taipas o distinto clínico e nosso prezado amigo, Sr. Dr. Alberto de Faria, ilustre Director Clínico do Hospital da Misericórdia de Guimarães, a quem cumprimentamos e felicitamos.

Uma Colónia Balnear Infantil

A Colónia Balnear Infantil do Sindicato N. dos Operários da Indústria Textil, composta por 300 crianças, aproximadamente, segue para a Póvoa de Varzim na próxima sexta-feira, dia 11, pelas 13 horas.

O S. N. da I. Textil realiza, de novo, a sua colónia em prol de muitas criancinhas que são filhas dos seus filiados.

Primeira Comunhão

Revestiu-se de muita solenidade a festa da Primeira Comunhão do menino Gaspar Ribeiro Jordão, filho do nosso querido amigo Sr. Francisco Lage Jordão e de sua dedicada esposa senhora D. Maria José Ribeiro Jordão, realizada no dia de S. Pedro na capela da sua casa do Miogo, na freguesia de S. João de Ponte.

A' solenidade assistiu a veneranda Avó do neo-comungante, senhora D. Joaquina Lage Jordão, além de muitas pessoas de família e ainda de outras da intimidade.

Na linda capela, que se achava adornada com muito gosto, celebrou missa o Rev. Joaquim Augusto Maciel Ribeiro Torres, digno prior daquela freguesia, enquanto no coro se fazia ouvir um harmonioso conjunto de vozes, acompanhado a órgão. No final deste acto, a que assistiu também muito povo, e depois do celebrante ter proferido uma tocante e apropriada alocução, foi ministrada a sagrada comunhão ao neo-comungante, que recebeu e distribuiu numerosas lembranças daquele dia grande da sua vida.

A seus Pais e ao nosso amiguinho Gaspar enviamos muitos parabéns.

No passada quarta-feira, 2 do corrente, consagrado a Santa Isabel, na Capela de Nossa Senhora da Guia, fizeram, com muita solenidade, a sua Primeira Comunhão a menina Maria do Carmo Gonçalves Dias de Castro e seu irmãozinho Francisco Albano, filhos do nosso querido Director Sr. Antonino Dias Pinto de Castro e de sua esposa senhora D. Laurinda Gonçalves Dias de Castro, por cujo motivo esteve em alegre festa o seu lar naquele dia.

O acto, que teve a assistência de muitas pessoas de família e de outras das mais íntimas relações, foi celebrado pelo Rev. Dr. Francisco de Melo, ilustrado orador sacro e Abade de S. Pedro da Raimonda, amigo íntimo dos pais dos neo-comungantes, assistindo também o muito digno Prior de S. Paio, Rev. Luís Gonzaga de Sousa da Fonseca.

Aos nossos simpáticos amiguinhos Maria do Carmo e Francisco Albano, a quem como a seus estremosos Pais apresentamos muitos parabéns, foram oferecidas, naquele dia, muitas e lindas prendas.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão da Mesa de 4 de Julho de 1947

Sob a presidência do Ex.mo Provedor, Sr. Mário de Sousa Menezes, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

— O senhor Provedor comunicou que o Sr. Dr. Fernando Manuel de Castro Gonçalves, Presidente que foi da Câmara Municipal de Guimarães, estivera neste Hospital a apresentar cumprimentos de despedida e a agradecer a colaboração leal e sincera que a Mesa sempre lhe dispensou no exercício das funções do referido cargo.

Por sua vez, o Sr. Provedor agradeceu a amabilidade dos cumprimentos e bem assim o auxílio por Sua Ex.ª dispensado a esta Casa como Presidente da Câmara.

— O Mesário Sr. Silva Guimarães participou que tinha ficado definitivamente resolvido o caso que vinha sendo tratado sobre a Quinta da Torre, sita na freguesia de S. Salvador de Briteiros, deste concelho.

— A Mesa tomou conhecimento de um ofício da Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Cerâmica, com séde em Lisboa, que resolveu atender mediante condições a estabelecer.

— Também tomou conhecimento de uma circular da Direcção Geral de Assistência a comunicar que, de futuro, todos os pedidos de comparticipação para obras novas, de adaptação, ampliação ou reparações dos estabelecimentos de assistência devem ser sempre apresentados àquela Direcção Geral que os remeterá às entidades competentes.

— O Sr. Provedor comunicou que o Sr. Médico Analista desta Santa Casa já voltou a retomar os serviços a seu cargo.

— Foi deferido o requerimento do oficial da Secretaria desta Santa Casa, José Pereira dos Santos, a pedir licença de 15 dias, ao abrigo do art.º 15.º do Regulamento dos Serviços Administrativos.

— Verificou o cumprimento de todos os legados e aprovou o balancete do Cofre apresentado pelo Sr. Tesoureiro.

— Registou, com muito reconhecimento, os seguintes donativos:

1.000$00 do Sr. Hermano Fortunato Pinto — por intermédio do Sr. Antonino Dias Pinto de Castro, Director do «Notícias de Guimarães»;

20.000$00 da Fábrica do Moinho do Buraco — Pevidém;

1.000$00 da firma Andrade & C.ª, Sucrs. — em sufrágio da alma do Sr. António Teixeira Faria de Andrade, que foi sócio da firma; e

Do Sr. Comandante do Posto Policial desta cidade, 20 roscas de pão de trigo.

— Finalmente a Mesa tomou conhecimento do Acórdão do Tribunal de Contas, referente à aprovação das Contas da Gerência de 1945.

OS CARLOS DE PORTUGAL

confraternizam numa grande excursão ao Porto, onde se realizará um banquete

O grupo «Os Carlos», cuja popularidade vai ganhando dia a dia uma amplitude digna de referência, promove uma grande excursão dos seus associados à capital do Norte, onde conta numerosos filiados e mantém uma delegação. A iniciativa foi recebida com entusiasmo por todos os Carlos, e em particular pelos que residem no Porto, os quais preparam aos seus homónimos do sul uma brilhante recepção.

A excursão realiza-se no dia 2 de Agosto e está organizada desta forma: Partida de Lisboa às 8 horas, paragem nas Caldas da Rainha, almoço no restaurante Bau em Alcobaça, visita ao Mosteiro da Batalha, paragem em Leiria, descanso em Coimbra, jantar e dormida no Hotel da Batalha do Porto; domingo, manhã livre para passeio, às 13 horas grande banquete de confraternização dos Carlos do Sul e do Norte, à tarde jantar, noite livre; na segunda-feira manhã livre e almoço, partida do Porto às 15 horas, jantar em Santarém, regresso a Lisboa.

da cidade

Diversas Notícias

Montra apedrejada

Desconhecidos noctivagos apedrejaram, na noite de sábado para domingo, uma montra da Filial da Casa Alberto Pimenta Machado, na rua de Santo António, partindo um vidro. A Polícia procede a averiguações.

Torneio de Tiro aos Pratos

Promovido pelo Club dos Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães realizou-se, no domingo, no Parque de Jogos da Penha, um Grande Torneio de Tiro aos Pratos, que ali reuniu vários atiradores e que decorreu com muito entusiasmo.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao L. do Toural.

Viação acidentada

Quando o automóvel M N 48-62, guiado pelo Sr. Domingos Pinheiro da Silva, desta cidade, se dirigia para as Caldas das Taipas e no lugar de Ponte, ao fazer um desvio para evitar o atropelamento de uma criança que lhe surgiu pela frente e que era perseguida por sua avó, Ana Pinheiro, do lugar de Toriz, sucedeu que esta batesse com a cabeça no automóvel, ficando bastante ferida, pelo que teve de recolher ao Hospital da Misericórdia.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 8, o nosso prezado amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães e mademoiselle *Tereza de Jesus de Castro Ferreira; no dia 9, o nosso prezado amigo e conceituado comerciante sr. Augusto Mendes; no dia 10, a sr.ª D. Maria Luísa Rebelo Monteverde e a sr.ª D. Rosa de Jesus Gonçalves Guimarães, esposa do nosso amigo sr. Fernando Guimarães; no dia 12, o nosso amigo sr. José Francisco da Silva; no dia 13, o nosso bom amigo e solícito correspondente em Vizela sr. José Luís de Almeida.*

"Notícias de Guimarães" apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

*

Faz amanhã anos a interessante menina Izaura Maria, estremecida filha do nosso bom amigo sr. Pedro Nunes de Freitas e de sua esposa.

Muitos parabéns.

— No dia 29 de Junho fez anos o nosso prezado amigo e estimado funcionário superior dos CTT, desta cidade, sr. José Lopes da Mota, a quem felicitamos, embora tardeamente.

Partidas e chegadas

Vindo do Rio de Janeiro e de visita a sua família, já se encontra de novo entre nós e teve a gentileza de trazer-nos o seu abraço, o que muito nos sensibilizou, o nosso querido amigo sr. Albano de Sousa Guise Júnior, filho do nosso conterrâneo e também querido amigo sr. Albano de Sousa Guise, importante capitalista no Rio de Janeiro.

— Do estrangeiro, regressou, também, a esta cidade, onde demorara algum tempo, o nosso simpático amigo sr. Francisco de Sousa Guise, filho do nosso querido amigo sr. Albano de Sousa Guise.

— Partiu para Fão o nosso prezado amigo e ilustrado sacerdote Rev. Avelino Pinheiro Borda.

— Partiu para Chaves a sr.ª D. Maria da Silva Oliveira.

— Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. Alexandrino G. da Costa, Tenente Ernesto Moreira dos Santos, Capitão Francisco Martins Fernandes, Belmiro Mendes de Oliveira, Amadeu José de Carvalho, Jacinto Teixeira e Raul Rocha.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e distinto Director do Colégio de S. Miguel de Refojos, de Cabeceiras de Basto, sr. Manuel Pinto Soares.

— Com sua família, partiu de Vizela para Matozinhos, o nosso prezado amigo sr. Guilherme Pinto.

— Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, Presidente do Grémio da Lavoura.

— Regressou do Gerez o nosso bom amigo sr. David Martins.

— De visita ao nosso bom amigo sr. António Pimenta, esteve em Guimarães o distinto publicista sr. Raul de Caldevilla.

— Deu-nos, há dias, o prazer da sua visita, o nosso prezado amigo e ilustrado Abade de S. Pedro da Raimonda (Freamunde), sr. P.e Dr. Francisco de Melo.

— Estiveram em Lisboa, de onde já regressaram, o nosso prezado amigo sr. João Pedro de Sousa Guise e sua esposa.

— Esteve, há dias, entre nós, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Coronel António de Quadros Flores.

— Com sua família partiram: para Espinho, o nosso bom amigo sr. Aníbal Dias Pereira e para a Póvoa de Varzim, os nossos bons amigos srs. Manuel de Oliveira Félix, Bento Ferreira da Cunha e Adelino Gaspar.

— Partiu para o Caramulo em missão de aperfeiçoamento médico o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Júlio Soares Leite.

— Esteve em Lisboa, de onde regressou a esta cidade, o nosso prezado amigo sr. José Simões, que em breve partirá para os Açores.

— Com sua família encontra-se a veranear na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Dr. Augusto Luciano Guimarães.

— Esteve entre nós o nosso bom amigo e conterrâneo sr. Manuel de Sousa Guise.

Doentes

Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. José Faria Martins. Desejamos o seu breve restabelecimento.

Teatro Jordão

Quarta-feira, 9, às 21,30 h.:

NASCIDA PARA O MAL

Bette Davis e Olivia de Havilland

com George Brent e Dennis Morgan num filme arrebatador.

Sexta-feira, 11, às 21,30 h.:

SEMENTE DO ÓDIO

Uma obra-prima de JEAN RENOIR interpretada por BETTY FIELD e ZACHARY SCOTT.

PARA OUTRA VEZ...

Se não foi feliz com a compra, quem é o culpado?

A sua amiguinha não lhe disse que o Paraíso das Meias é na Casa **Xavier**?

Depois não se queixará. 535

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Francisco de Assis Costa Guimarães

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortado com todos os sacramentos finou-se, ante-ontem, às 15 horas, no seu Palacete da Espinhosa, o importante capitalista Sr. Francisco de Assis Costa Guimarães, de 83 anos de idade, sócio da Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, desta cidade.

O extinto, muito considerado no nosso meio, era casado com a Sr.ª D. Beatriz Paiva Costa, irmão dos nossos saudosos conterrâneos Srs. José Miguel, Simão e Alvaro da Costa Guimarães, e tio das Sr.as D. Maria Amélia Costa Sousa Pereira, D. Maria Madalena de Carvalho Jacinto, casada com o Sr. José Jacinto Júnior; D. Judite da Costa Carvalho e D. Maria Amélia Costa Ferreira, casada com o Sr. Alfredo Ferreira, de Riba d'Ave, e dos Srs. Amadeu da Costa Carvalho, Alberto Costa e António da Costa Guimarães, e cunhado da Sr.ª D. Laura Pereira de Castro Costa e da esposa do Sr. Rodrigo Lopes Pimenta.

O cadáver do saudoso extinto é trasladado hoje para o templo da Misericórdia, efectuando-se os ofícios fúnebres às 11,30 horas, após o que se procederá à trasladação para jazigo de família no cemitério de Atouguia.

A toda a família dorida apresenta «Notícias de Guimarães» sentidos pêsames.

D. Aurora de Jesus Pereira da Cunha e Castro

Na sua residência, ao Largo do Trovador, finou-se repentinamente, na sexta-feira à noite, a bondosa senhora D. Aurora de Jesus Pereira da Cunha e Castro, esposa do estimado comerciante Sr. Alberto da Cunha e Castro, mãe extremosa das Sr.as D. Maria do Carmo e D. Eulália Pereira da Cunha e Castro e dos Srs. Fernando e Izidro Pereira da Cunha e Castro, sobrinha das Sr.as D. Maria de Oliveira Pereira e D. Rosa de Jesus Teixeira, e cunhada da esposa do Sr. João Pereira Mendes e da Sr.ª D. Maria de Lourdes Peixoto de Bourbon da Cunha e Castro, e tia afim do Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, e prima das esposas dos Srs.: Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves e Paulino de Magalhães, e dos Srs. Coronel António de Quadros Flores, José Fernandes da Silva Correia e das Sr.as D. Albina Flores, D. Elvira e D. Raquel da Silva Correia e D. Ana de Jesus Teixeira.

O funeral realiza-se hoje, às 9 horas, da sua residência para o cemitério de Atouguia.

Os nossos sentidos pêsames à família dorida.

D. Rosa de Jesus Mendes

Contando 85 anos de idade e confortada com todos os sacramentos, faleceu, na sua residência, à rua de Couros, a estimada proprietária Sr.ª D. Rosa de Jesus Mendes, mãe do Sr. José Maria de Oliveira Júnior; avó dos Srs. Francisco Alves Mendes, residente no Porto, e Manuel Maria de Oliveira; tia dos Srs. Manuel e Belmiro Mendes de Oliveira, das esposas dos Srs. Drs. Alberto Rodrigues Milhão e José Salgado, e prima dos Srs. Joaquim Mendes Guimarães, residente no Porto e José Mendes Guimarães, desta cidade.

Os seus funerais efectuaram-se na quarta-feira, na capela da V. O. T. de S. Domingos, segurando as borlas do ataúde pessoas de família da extinta.

A' família enlutada, o nosso pesar.

De luto

Pelo falecimento de uma sua tia, ocorrido na Trofa, está de luto o nosso querido amigo e ilustrado Prior de S. Sebastião, o Rev. Augusto Borges de Sá, a quem apresentamos condolências.

*

Pelo falecimento de uma sua cunhada, ocorrido no Porto, encontra se de luto o Sr. Júlio Costa, hábil encadernador desta cidade.

*

Pelo falecimento de sua mãe, guarda luto o Sr. José Maria Machado, valoroso desportista e componente do team de honra do Vitória.

Os nossos cumprimentos de pezar.

Festa Beneficente

A Emprêsa do Teatro Jordão concedeu mais uma sessão cinematográfica em benefício do Asilo de Santa Estefânia. Toda a cidade se mostrou interessada pelo filme exibido e os bilhetes foram pagos generosamente pelos assistentes. A Direcção, que já é devedora de muitas atenções à Emprêsa do Teatro, deve-lhe mais esta, e o público que está sempre pronto a ajudá-la, foi desta vez extremamente generoso, o que levou a sua Direcção a vir por este meio manifestar à Emprêsa e ao público o seu indelével reconhecimento.

CANDIDO DIAS, L.DA — Porto

COTAÇÕES EM 30 DE JUNHO DE 1947

MOEDAS OURO E PRATA

Libras	325$00	330$00
Dólares	50$00	55$00
Francos Franceses	9$00	10$00
» Belgas e Suíssos	9$00	10$00
Pesetas	9$00	10$00
Pesos Mexicanos	24$40	24$80
Florins	20$00	21$00
Ouro Português (5 e 10.000 rs.)	50$00	60$00
Prata República	13$00	13$20
» Monarquia	14$30	14$50
» 5 Pesetas	14$00	14$50

METAIS

Ouro Barra	31$90	32$40
» Fino	32$20	32$70
Platina	50$00	60$00
Prata Fina	$61	$63
» Lei	$51	$53

NOTA: Só podem ser efectuadas operações em notas estrangeiras com viajantes, mediante o respectivo passaporte e até ao contra valor de mil escudos ou ainda mediante autorização da Inspecção do Comércio Bancário.

Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

TRABALHOS em todos os géneros

Minerva Vimaranense

Execução a preto e cor perfeita e rápida

UM CONTO POR MÊS

FERNANDINHO E O A. B. C....

(Para crianças)

Por ISAURA CORREIA SANTOS.

— Mãe! ensina-me depressa a escrever o alfabeto, sim? Estou ansioso por saber ler e escrever! — gritou vivamente Fernandinho, que tinha uma ânsia louca de aprender a decifrar aquele amontoado de tracinhos que lhe faziam uma certa confusão.

— Mas hoje é o dia dos teus anos, meu amor. Não preferes ir brincar com os lindos presentes que já recebeste?

— Não, mãezinha. Antes quero uma lição... Quando vierem visitas, irei brincar.

— Bom. Então diz-me cá se és capaz de escrever o número dos teus anos...

Fernandinho deu uma gargalhada, límpida como o seu olhar, e respondeu: — Olha lá a dificuldade! Sei bem escrever o número quatro... que parece uma cadeirinha de pernas para o ar!

Coube à mãe a vez de rir. Olhou o filho, com enlêvo, e opinou: — A imagem podia ser pior... Mas já reparaste que, nesse caso, a cadeirinha teria só duas pernas?

— Faz de conta que as outras duas estão escondidas atrás das que se vêem!

— Suponhamos isso...

Fernandinho tinha maior predilecção pelas letras do que pelos números. Por isso, aqressou-se a escrever um «a» e disse:

— Esta letra parece uma sertã de cabo onde a Maria faz os bifes, pois parece?

— Um pouco... sim, meu tesouro — respondeu a mãe, numa voz terna e risonha.

Satisfeitíssimo, Fernandinho escreveu um «b» e exclamou: — Esta parece-se com um cabide do quarto de banho!

— Na verdade! As tuas idéias valem o mundo e o céu também!...

O olhar da mãe e do filho cruzaram enternecidamente, e Fernandinho prosseguiu traçando um «c» e dizendo: — Aposto que não sabes o que esta letra faz lembrar!

— ... Um biscoito, talvez.

— Qual biscoito!

— Então... não sei!

— Eu digo-te, mãezinho. O «c» parece-se com a cauda do nosso cãozinho, nos dias em que ele anda muito contente!

Este parecer despertou à mãe gargalhadas a fio que atraíram as de Fernandinho, o qual, momentos após, escreveu ufanosamente um «d» e titubeou: — Esta le...tra é pa...re...cida ... é pa...re...ci...da...

De modo resoluto ajuntou: — Agora é que não sei com quê!

Neste momento, vieram anunciar a chegada de visitas. Mãe e filho ficaram desapontados. Sentiam-se também um com o outro!

Minutos depois, a mãe de Fernandinho conversava, numa outra saleta, com duas amigas. Entrementes, ele entretinha-se com letras móveis que uma das visitantes lhe oferecera. Que bela idéia tivera aquela senhora! — dizia para consigo Fernandinho quando pousou os olhos num quadradinho onde figurava um «f». Riu e disse em voz alta: — Esta letra parece um lacinho...

As amigas acharam-lhe imensa graça, e a mãe elucidou:

— Essa letra é que começa o teu nome...

— Mas tu ensinaste-me a escrevê-la doutra maneira!

— Tens razão, meu querido, mas a que te ensinei é do alfabeto maiúsculo, e esta é do alfabeto minúsculo.

Franzindo levemente o nariz, Fernandinho opinou: — Era escusado haver dois alfabetos!

A sua opinião foi rematada com alegres gargalhadas das visitantes que, em conjunto, exclamaram:

— Que adorável criança!

— ... E' minha! — gritou, intimamente, a mãe, olhando a cabecinha do filho que parecia irradiar a frescura, a beleza e perfume de uma rosa em botão.

Entretanto, Fernandinho tirou ràpidamente um outro quadradinho da caixa de letras móveis.

Vendo que lhe saíra um «m», disse de modo vacilante: —

— Esta letra faz lembrar... não sei bem o quê! Como se chama?

A mãe ensinou-o a pronunciar o «m» e ajuntou: — Com essa letra começa uma palavra dolcíssima, meu filho, uma palavra que nos alarga a alma e nos faz bem!

— Que palavra é essa? — perguntou Fernandinho, vivamente interessado.

— Mãe!

Os olhos do pequenino, castanhos, em harmonia com a pele morenita e a côr da sedosa cabeleira que belamente lhe emmoldurava o rosto, fixaram-se nos da mãe.

Como se tivesse compreendido profundamente o que acabara de ouvir, disse com inteira convicção: — Esta letra já não me esquece mais!

As senhoras olharam umas para as outras, com uma certa comoção. Uma delas disse à mãe do Fernandinho: — O seu pequeno é extraordinário! Jamais vi uma criança de quatro anos falar e discorrer como ele!

Súbito, Fernandinho exclamou:

— Descobri!

— O quê? — perguntou a mãe, cheia de curiosidade.

— Descobri que o «m» se parece com um banquinho comprido que está no quarto da Rita!

A mãe e as amigas deram uma gargalhada espontânea e vibrante. Córou e, como que para evitar que se rissem dele, quis sair dali e perguntou: — Que está a Rita a fazer, mãezinha?

— A borrifar a roupa.

— Posso ir mostrar-lhe este alfabeto de madeira? Gosto tanto dele!

— Vai, meu amor. Porta te bem, sim?

— Sim... sim... com certeza!... — afiançou o pequenino Fernando saindo apressadamente da saleta.

.....

.....

.....

— Nunca viste uma caixa com letras como estas, pois não, Rita? — perguntou Fernandinho, pegando num «o».

— Não, menino, nunca vi uma assim.

— ... Repara como esta letra parece uma bola. Sabes como se chama?

— Não sei. Nunca me ensinaram a ler!

Fernandinho arregalou muito os olhos e disse com ar de mágoa:

— Não sabes ler?! Já não me lembro quem foi que disse que, quem não sabe ler, é como os bichinhos...

— E eu sou um bichinho!

— Não. Tu tens cara de gente e tens fala como nós...

— Mas sou uma atrazada como os animais...

— Não digas isso! Faz-me tanta pena... Por que é que há pessoas crescidas sem saber ler?

— Porque... porque... E' difícil de explicar, menino. Peça ao paizinho que lhe explique.

O Fernandinho, triste, triste, como se lhe acontecesse um desastre, disse: — Pois sim. O paizinho há-de explicar-me tudo... Ele fala tanto das escolas, dos professores, dos livros...

Mudou de expressão e, sorrindo de modo esperançoso, perguntou:

— Queres aprender a ler?

— Quem me dera!

— Então, o pai há-de trazer livros e uma lousa para ti...

— Ficaria tão contente! E quem me havia de ensinar?

— Eu!

— O menino?!

— Sim, já sei alguma coizinha!

... E vou aprender mais, muito mais, muito depressa, para poder ensinar-te!

Rita tinha os olhos marejados de lágrimas. Apetecia-lhe pegar naquele menino (nunca vira outro assim!) e apertá-lo bem contra o coração. Porque falava ele como um homem de bem?! Decerto era a influência dos pais que abria aquele cérebro e aquele coração!...

— Em que pensas, Rita? Estás a chorar? — perguntou, ansiosamente, Fernandinho.

— Choro de contente, menino, e penso no meu futuro professor... um professor pequenino que me vai ensinar melhor que o maior professor!

Fernandinho impertigou-se, sorriu alegremente, e prometeu: — Logo que o paizinho venha, vou pedir-lhe livros e uma lousa para ti...

Calou-se, durante uns segundos, e voltou a falar dizendo como que em segredo: — Sabes? A mãezinha disse, a uma senhora amiga, que tem pena que eu me não pareça com o paizinho. E já pensei fazer uma partida...

— Uma partida?!

— Sim. Não é maldade. E' uma partida engraçada... Vou fazê-la agora, sim?

— Onde? Como?

— Schiu! Espera aqui um bocadinho...

Assim dizendo, saíu da casa dos engomados e entrou no quarto do pai. Tirou uma gravata do guarda-fato, e apressou-se para o quarto de banho. Molhou os cabelos, fez uma risca ao lado, e arrepiou-os bem para trás. Seguidamente, puxou acima a gola da camizinha, à sport, e pôs a gravata como pôde e soube...

Viu-se ao espelho, tornou a ver-se, de frente e de perfil, e, sorrindo, pensou: — Na verdade, parece que já estou um pedacinho parecido com o pai!... A mãe vai ficar admirada e contente... lá isso, vai!

Nisto, ouviu passos em direcção à porta da rua e palavras de despedida. Fácil lhe foi compreender que as visitantes iam saír. Deu mais um jeitinho à gravata, alizou melhor o cabelo, e, pé ante pé, foi colocar-se ao fundo do corredor por onde a mãe iria ao seu encontro.

Momentos depois, soltando gargalhadas vibrantes e batendo palmas, correu para os braços da mãe que, admiradíssima e feliz, lhe perguntou que idéia fôra aquela de mudar de penteado e de pôr uma gravata... Fernandinho quedou-se silencioso e deixou-se embalar naqueles braços que tão docemente o afagavam. Finalmente, aproximou os lábios do ouvido da mãe...

Olhando-os, esta pensava, encantada e cheia de felicidade: — Lábios rubros como papoilas, inocentes como lírios...

Fernandinho cortou aquele pensamento segredando melodiosamente: — Estás contente por me parecer agora com o pai?

A mãe compreendeu o objectivo do filho... Afagou-o mais, mais, e, de modo terno e comovido, pôde apenas exclamar: — Meu amor!

Livros & Jornais

Cinzas = por *Grazia Deledda.*

Já nestas colunas fizemos referência a Grazia Deledda, a quando da publicação do romance «Mariana Circa». Este romance, porém, que acabamos de ler é incontestàvelmente superior àquele. O documento humano aparece aqui com todos os seus elementos construtivos. Não há uma linha dúbia ou um carácter em crise. Tudo obedece a consequência da formação e da inteligência dos personagens, pelo que *Cinzas* representa na literatura um «sicut vita» de apreciável efeito e de indefectível entrecho, sendo ao mesmo tempo um mimo de observação e de ficção. O romance trata da vida de um rapazinho, Anánia de nome, nascido do pecado e marcado pelo ferrete do destino para a desgraça. A mãe, não podendo sustentá-lo, leva-o até à porta da casa do pai e instiga-o a entrar. A mãe desaparece. Anánia é estimado naquela nova casa, especialmente por Tatana, com quem estava casado seu pai. Cresce, estuda, frequenta a Universidade em Roma, e nunca lhe foge do pensamento esta esperança: descobrir onde está a mãe. Mais tarde encontra-a. Os seus lábios têm imprecações duras. Sabe que tem de renunciar ao seu amor par Margherita. Mas nem assim pode abandonar, a não ser pela morte, aquela que lhe deu o ser. «Cinzas» demonstra que na vida tudo são cinzas: Preconceitos, alegrias, tristezas, honras, prazeres, tudo, tudo um dia se desfaz em nada. Grazia Deledda tem neste romance uma obra gloriosa não só em Itália, mas também em toda a parte, porque nela não se revela a faceta de um povo ou «modus vivendi» de uma classe algemada ao meio, mas sim o coração humano que, em toda a parte, se iguala nos horizontes das suas volições e nos campos das suas lutas íntimas.

«Cinzas», que foi consagrado com prémio Nobel, pertence à colecção «Romances Célebres», editada pela Editorial Gleba, Ld.ª, de Lisboa, e foi traduzido com esmero por Graziella Saviotti.

Desapareceram dois homens = por *Sylvain Doherty.*

A acção desta novela policial passa-se no México. Desapareceram dois homens — o sábio francês Georges Benoît e o etnólogo americano Davidson. A França e a América enviam os seus detectives. Chegados ao Rancho Grande, põem-se em actividade estes detectives, sem possuirem uma indicação, sem os mover um prenúncio. Este livro é mais uma reportagem do que uma novela policial. Parece que o autor viu e observou um caso que poderia ter sido real e que o relata sem sem se servir da imaginação. O valor da novela está precisamente nisso: na reportagem fidedigna de um assunto policial.

N.º 5 da colecção «Novelas Policiais», editada pela Gleba, Ld.ª, de Lisboa.

Campos Pereira — *Um romancista contemporâneo* = por *Amorim de Carvalho.*

Amorim de Carvalho escreveu um livro de análise crítica sobre o romancista Campos Pereira. Parece-nos que a melhor acuidade crítica de Amorim de Carvalho acerca do autor das «Ingénuas do meu sonho» e de «As pobres Suzanas» reside neste período: «Os seus personagens são simultâneamente, por via de regra, D. Joões e D. Quixotes debatendo-se entre as solicitações da carne e as solicitações do ideal, não podendo amar senão neste dramático antagonismo». Não nos consta, porém, que D. Juan, D. Quixote, Casanova, Rasputine, Messalina, Júlia, etc., sejam modelos para edificação da vida e sirvam de padrão à literatura.

Edição da Livraria Civilização — Porto.

F. T.

Caminhos errados = por *Aquilino Ribeiro.*

NAS ENDOENÇAS — A Confraria de Nossa Senhora do Encontro, de que Leónidas Soares era presidente, caprichara aquele ano representar com relevo particular o drama da Paixão. Estava no espírito dos tempos, além do incentivo particular comunicado aos bons vizinhos de Gandra de Rei por interpostas pessoas, da audiência de S. R. o Prelado. De modo que, ainda Março não era fora, já se ensaiavam as rábulas e talhavam em chita e cetineta túnicas e balandraus. A primeira tarefa estava facilitada, de resto, pela experiência adquirida os anos transactos em que, com mais brilho ou menos brilho, nunca se deixara de levar a efeito tão edificante celebração. Os papéis estavam de antemão distribuídos segundo marcas que se haviam tornado proverbiais. Assim o bom labrego que desempenhava o papel de Caifás deixara de se chamar José dos Santos, conforme a pia e o nome de geração, para ser conhecido *urbi et urbi* pelo tio Caifás; Herodes ficara para todo o sempre o Carlos Lampas, embora muitas vezes sobrevestisse a toga de regedor. De certa certeza ninguém sabia outro nome, senão Longuinhos, ao honrado e patudo lavrador que tinha três filhas casadoiras, rijas de encontros e mais esbeltas de fachada que as torres de David. E o irmão da ama do senhor abade, o respeitável e gordo P.e Nicolau Margalho, era invariàvelmente para curas e fregueses, mesmo quando servia de arrieiro ao prègador, Francisquinho, o Cirinéu.

Os papéis femininos é que não conferiam a alcunha respectiva a quem os representava. O pitoresco verbal é de meter em linha de conta nestes acidentes da onomástica. Assim não fazia sentido que a Júlia Borralha, uma estrofe trocáica tão rústicamente sonora, passasse a chamar-se Madalena, e a Rosa Cismas, nome tão mascavado e peco, fosse crismada em Virgem Maria, porque as tituladas interferiam no drama sob tal ajoujamento.

A serra da Neve em cada refolho tem um poviléu, de forma que mal estrepitaram as matracas no adro de Gandra de Rei, os devotos enguicharam a orelha. E, como moscardos alvoroçados em seus vespeiros, já sem capucho de burel — o prestimoso sago que vem muito detrás dos cartagineses — sem tamancos, que o Abril chegara quentinho e cheio de luz, correram à Via Sacra.

Chegou a semana Santa e bateu na aldeia um mar de gente. A Divina Providência, que sabe sempre muito bem o que faz, aprouve-se aquele ano banir o luto para dentro da igreja, onde os santinhos estavam velados por panos quaresmais. O céu reluzia como uma redoma de cristal. As ervas, os nabos, as searas, de paveia mais alta que sargaço, parecia não guardarem da espera solene daquele pavoroso dia mais que uma espreguiçada languidez. Da mesma maneira os galos, para as eiras, com seus esparvadíssimos cocoricós, o que lembravam, se lembravam, da bíblica Jerusalém era a estridência, esfarrapada ao vento, das charamelas à testa da coorte deicida rompendo marcha para o Gólgota. Tanta claridade, tanto oiro solar, tanta rebeldia primaveril era demais. O P.e Margalho, se pudesse, mandava pôr crepes ao sol por cima de Gandra de Rei.

Da estrada, a pé, a cavalo, de carro, durante todos aqueles piedosíssimos dias, fartou-se de golfar gente para o caminho velho que liga aquela espécie de Oberammergau ao século. E pelos carreiros de formigas das serras viam-se colear filas indianas de chailes pretos e véstias de saragoça com o raminho de salpor na casa do botão.

Em quinta-feira maior, no intervalo das Endoenças, compareceu, trazido até a estrada da Emprêsa Transduriense, o pessoal da vila ou com mais propriedade o rancho das Lemos. Tudo o que Antas contava de representativo e ao mesmo tempo com prosápia de juvenilidade rolou dali: as quatro Lemos, iguais e diferentes como as quatro damas do baralho; a Maria Salomé, sem a distinção da qual uma excursão era penitência; a menina do comendador com a mamã ainda frescal; as Caldeirinhas namoradeiras e dengosas; as Coutinhos; as Senas; e homens, muitos homens e rapazes, funcionários públicos, advogados, estudantes e o senhor delegado, que padecia de gaguez. Quando a garbosa comitiva chegou à galilé com suas gravatas pretas e mantilhas da regra, estava para começar a função. O senhor P.e Margalho retardou o que basta para acomodar as damas em banquinhos à frente do mulherio, e franquear aos cavalheiros a teia do altar-mor. Escusaram-se estes pela boca do Relvas, escrivão, com não quererem causar um desmancho intempestivo, pedindo vénia para ficar à porta-travessa. Ali, a jeito de se pirarem à francesa a qualquer altura, e nas saias do madamismo, a ramboia ficava sempre ramboia.

Os celebrantes atacaram o segundo acto da divina tragédia, pois que o primeiro: missa e procissão do enterro — tinha tido sua representação na parte da manhã. Diante do lampadário triangular de treze velas amarelas, os cantores vieram por turnos entoar as lamentações. A voz cava reboou, tremulou, trovejou na cadência nocturnal do canto gregoriano. Ao expirar da antífona, com o apagador o acólito extinguia um dos lumes, ora do lado do Evangelho, ora da Epístola. E, revezando-se assim os os leitores, os psalmos se sucederam, acabando com sua monótona cadeia de nocturnos e laudes por condensar no templo uma atmosfera lúgubre e sobre-humana. Quedou finalmente uma só luz a brilhar no mar morto da nave. Os padres bateram com o gradual nas estantes; arrastaram os pés; pigarrearam. Queriam em seus bastidores de lata simbolizar o trovão do juízo final. As meninas riram do escarcéu.

Um clérigo apareceu em seguida a desnudar os altares: era Sião que despia suas galas; a primavera que alijava suas louçanias; as matronas que arrancavam suas jóias pela morte do Deus. O mundo ficava báratro e treva.

Quando romperam da sacristia os treze lavandos, treze homens da jorna e de lavoira própria, de véspera mandados à ribeira a desencardir os cascos, córneos à força de morder a terra, foi um alívio geral. Os olhos estavam cheios de penumbra. O senhor arcipreste é que procedeu à ablução dos míseros pés descalços. Mas a cena, realizada num dos altares colaterais, não mereceu grande sufrágio dos fiéis. O rancho da vila abalara já de roldão para o adro a fumar o cigarrinho. Quando o senhor P.e Nicolau Margalho subiu ao púlpito prègar o sermão do Mandato, houve ainda um movimento de refluxo. Mas o exórdio da peça oratória era como todos os exórdios, e um a um, à capucha, não obstante os olhares aliciadores das Lemos e das Senas que diziam: *não abandonem nesta catacumba a pobre da carochinha!* catramugiram-se todos. A palavra saiu da boca do escrivão Relvas, e pretende traduzir a esquivança, tão subtil como maliciosa, dum cristão velho a uma estopada de respeito, por mil e um modos, até a quatro patas. Vinham todos a abarrotar de fome e de incenso.

— E se fossemos comer o jantar dos abades? — propôs Roberto Atalaia, um dos estudantes.

— Credo! Credo! — exclamou a Lemos.

Mulheres, de *Pearl Buck* — Neste seu livro, «*Malheres*», Pearl Buck, volta a abordar o tema da vida chinesa. Levou anos a escrever esta obra que não desmerece das outras em que a genial escritora focou a China, com a autoridade de quem viveu longos anos no convívio desse ainda para nós misterioso povo oriental.

O tema deste livro com que a Editorial «Minerva» enriqueceu a sua já famosa colecção de capa amarela, é a vida de uma grande família territorial, culta e rica apresentada na sua intimidade, vivendo as suas alegrias, as suas angústias, os seus dramas. A cortesia, o amor, a desconfiança, toda uma teoria de sentimentos, umas vezes suaves outras vezes fortes, perpassa nessas páginas em que Pearl Buck mais uma vez nos seduz e impressiona com o brilho da sua pena e com o seu profundo conhecimento da alma chinesa.

A figura da senhora Wu não esquece mais. Ela é um símbolo perfeito da China e dos seus costumes milenários tão estranhos e às vezes incompreensíveis para as raças do ocidente. Sobretudo os costumes familiares e amorosos.

Mas o que ainda mais valoriza o tema aliciante escolhido pela escritora norte-americana é que os homens e as mulheres, toda a sua galeria de tipos posta a desfilar perante os olhos do leitor, pode entroncar-se em qualquer raça, porque em todos os cantos do mundo se ama e se sofre e as reacções psicológicas, com ligeiras variantes, são idênticas em todos os seres humanos.

«Mulheres» é inquestionàvelmente um grande livro que merecia, há muito, ter sido editado na nossa língua. Fe-lo agora «Minerva» através da escrupulosa tradução do poeta Cabral do Nascimento.

Notícias de Guimarães n.º 805-6-7-947.

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

Éditos de 20 dias

(1.ª publicação)

Faz-se saber que na acção especial de divisão de cousa comum que corre por apenso ao inventário orfanológico por óbito de António Leite Pereira, casado, morador que foi no lugar do Assento, freguesia de Nespereira, desta comarca, e em que são *autores* José Rodrigues Guimarães e esposa Dona Maria Rosa da Cunha, proprietários, do lugar da Venda, freguesia de São Jorge de Selho, desta comarca, e *réus* Manuel Leite Pereira e esposa Dona Izabel da Conceição Pereira de Almeida, da Rua Dom João I, desta cidade, e Fernando Leite Pereira e esposa D. Olívia Monteiro Neto, da freguesia de Creixomil, desta comarca, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação do presente, citando os *crèdores desconhecidos*, para deduzirem os seus direitos no referido processo, no prazo de dez dias a seguir aos dos éditos.

Guimarães, 23 de Junho de 1947.

O Chefe da 1.ª Secção,

António Vitorino de Queiroz.

Verifiquei a exactidão.

O Juíz de Direito,

João Leal.

501

Vende-se

Propriedade de casa com grande área de quintal no centro das Taipas. Falar com o interessado Domingos Marques Ferreira—GUIMARÃES.

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

EDITAL

CARLOS TEIXEIRA AFONSO, Engenheiro Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial

FAZ SABER que:

— Adolfo Esteves Pereira requereu licença para instalar uma fábrica de tapeçarias, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, poeiras, e perigo de incêndio, no Lugar da Malhadoura, freguesía de Polvoreira, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte e poente com prédio de Amadeu Esteves & Irmão, Lt.ª, sul com caminho e prédio de José da Cunha e nascente com caminho.

— António Lopes, Lt.ª requereu licença para instalar uma oficina de cutelaria e serralharia, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, fumos, poeiras, e perigo de incêndio, na rua Ilha do Sabão (Viela da rua dos Couros), freguesia de S. Sebastião, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte, sul e nascente com terrenos de D. Augusta Mendes Oliveira Milhão e poente com Ilha do Sabão.

— Pereira da Cunha, Lt.ª requereu licença para instalar uma fábrica manual de colchas (sêda e algodão), c/ tinturaria, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de incêndio, emanações e fumos nocivos e inquinação das águas, no Lugar de Redemoínhos, freguesia de Polvoreira, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com terrenos de Luís Cardoso, sul com caminho público, nascente com a estrada Nacional n.º 10-2.ª e poente com terrenos de Joaquim da Cunha.

— Gomes & Carneiro, Lt.ª requereu licença para instalar uma fábrica de tecidos de sêda, algodão e mixtos de algodão e sêda, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incêndio, no Lugar do Cardoso, freguesia de S. Miguel das Caldas de Vizela, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com Joaquim Coelho e José Maria Novais Rebelo e Irmão, sul e nascente com Varela, Pinto & C.ª, Lt.ª e poente com companhia de caminhos de ferro do Norte de Portugal.

— José Eduardo da Costa Marques requereu licença para instalar uma oficina de marcenaria mecânica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, poeiras e perigo de incêndio, na rua Padre Gaspar Roriz n.º 1, freguesia de S. Sebastião, concelho de Guimarães e distrito de Braga.

— Nos termos do Regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão das licenças requeridas e examinar os respectivos processos, nesta Circunscrição, com séde no Porto, Rua de Santa Catarina n.º 805.

— Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Indústrial, 20 de Junho de 1947.

598 O Engenheiro Chefe,

Carlos Teixeira Afonso.

VENDE-SE

FIAT 1.100 Italiano
Mecânica Impecável
e
516 Calçado de Novo.
Nesta redacção se informa.

AOS SENHORES CAÇADORES

Espingarda calibre 12, absolutamente nova, meia ponteira especial, da consagrada marca Ugarte-Chea,

VENDE-SE 539

Falar a ANTÓNIO JOSÉ TRINDADE
RUA DE SANTO ANTÓNIO, 53 — GUIMARÃES.

SOUSA & FERREIRA, L.DA

TELEFONE, 4483
GUIMARÃES

▼

ARMAZÉM de

Ferros diversos, chapas e ferragens
Cal, cimento, telha e tijolo
Artigos de grés
Tubos diversos e respectivos acessórios
Bombas e motores para diversos fins
Artigos sanitários
Material eléctrico
Acessórios para a indústria

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA) 600

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quinta

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITÁRIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES TRANSITÁRIOS

JOSÉ DE MELLO & C.ª

Casa fundada em 1882
RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67
PORTO

Telefones 73 e Estado 57 — CORREIO Apartado 12

CANDIDO DIAS, L.DA

Rua das Flores, 282 301

Telef.: 871 — **PORTO** — Teleg.: Didias

Compramos e vendemos: Notas e moedas de todos os países, ouro e prata em barra, platina e libras ouro

Moedas antigas ouro e prata para colecções

Papéis de crédito e cupões nacionais e estrangeiros
Ordens de bolsa

António José Ferreira

Afinador de Pianos 401

Rua D. Frei Caetano Brandão
BRAGA

AS FÁBRICAS DE TECELAGEM

Vende-se um hidro-extractor para 6 maços.

Prestam-se esclarecimentos na redacção deste jornal. 401